

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
Teremos Sempre Michael Curtiz  
1 e 21 de julho de 2025

## JIMMY THE GENT / 1934

*um filme de Michael Curtiz*

Realização: Michael Curtiz / Argumento: Bertram Millhauser, a partir de uma história de Ray Nazarro e Laird Doyle / Fotografia: Ira H. Morgan / Montagem: Thomas Richards / Guarda-Roupa: Orry-Kelly / Direção Artística: Esdras Hartley / Música: Vitaphone Orchestra, dirigida por Leo F. Forbstein / Interpretação: James Cagney (Jimmy Corrigan), Bette Davis (Joan Martin), Allen Jenkins (Lou), Alan Dinehart (Charles Wallingham), Alice White (Mabel Arthur Hohl), Phillip Reed (Ronnie Gateson), Hobart Cavanaugh (falso Worthingham), Mayo Methot (Gladys Farrell), Ralf Harolde (Hendrickson), Merna Kennedy, Nora Lane.

Produção: Warner Bros. (Estados Unidos da América) / Produtor: Robert Lord / Cópia: em 35mm, falada em inglês, legendada eletronicamente em português / Duração: 67 minutos / Estreia Mundial: 17 de Março de 1934, Estados Unidos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

---

*Joan: He's got ethics.*

*Jimmy: I don't care if he has carbuncles. The only difference between him and me is he's got a smoother line.*

*Joan: Is that all?*

*Jimmy: Yeah, and a sharper knife and he sticks it between your fourth and your fifth rib and you don't know you're dead until you get home.*

**Jimmy the Gent** é um dos grandes filmes de Michael Curtiz, como são a maior parte daqueles que realizou nos anos trinta em Hollywood. Rápido, inspirado, burlesco e ao mesmo tempo grave e sedutor, tem em James Cagney e em Bette Davis, respectivamente Jimmy e Joan, os seus grandes protagonistas. Filme de vigaristas e burlões, é entre *gangsters* que nos movemos, num universo sem escrúpulos e sem freio, só possível nos anos Pré-Código. Cagney é menos duro que em filmes anteriores (o que não lhe terá agradado nesta sua primeira colaboração com Curtiz), burlão de meia-tigela, contrasta com um burlão com um escritório com *pedigree*, especializado, como ele, em enganar herdeiros de pessoas sem testamento.

Cómico, **Jimmy the Gent** também é ácido quanto baste. As boas maneiras do advogado dos ricos e as supostas boas maneiras que imperam no seu escritório, dão azo a alguns dos momentos mais felizes do filme. É hilariante a sequência do chá em que todos na sala de espera bebem chá sem parar, para espanto de Cagney. Mas este, por Bette Davis, está disposto a aprender, mesmo percebendo que “o hábito não faz o monge”. Davis é a secretária que troca o escritório de segunda categoria, pela alta finança, mas a realidade é a mesma com algumas *nuances*.

Em 2007, quando o filme foi programado em Bolonha, Peter von Bagh, citando Andrew Bergman (*Cineteca*, Jul., 2007), sublinhava como esta era "simplesmente a Grande Comédia Americana", ou um "filme perfeito sobre vigaristas", no qual "o deslumbrante James Cagney avança 'como um lobo faminto'. A rapidez e a acutilância dos seus gestos e do seu discurso são prova disso. Aludindo a como Curtiz, com o seu inglês limitado não deveria acompanhar um décimo do que este dizia, referia como era a pessoa certa para encenar "a pantomima da corrupção, bem como nos gestos gráficos e na linguagem corporal agressiva das ruas." Afirmação certa que culmina na óbvia constatação da inexistência de uma fronteira entre o grande crime organizado do mundo dos negócios e os pequenos trapaceiros. Afirmação válida nos anos trinta de então, como válida nos dias de hoje para os crimes de "colarinho branco". E o paralelismo entre os anos trinta do século passado e os anos que vivemos não é em vão, nem um mero exercício de retórica sobre tantos pontos de vista numa altura em que se desenvolviam as bases do capitalismo. Mas o filme não é sobre isso, pois não se trata aqui de qualquer moralismo, mas do mais puro deleite.

Curtiz é também o realizador certo para filmar estas "pantomina da corrupção" pois expõe mais uma vez aqui o virtuosismo técnico de uma apurada mise-en-scène e de uma montagem acelerada, em que a câmara se desloca em movimentos e contramovimentos que atravessam o espaço e as portas e janelas, acentuado a rapidez do discurso. Jimmy vislumbra a ascensão social como modo de conquistar Joan e o modo como Curtiz a filma faz estalar o verniz do mundo. Peter von Bagh explicita a grande lição do cineasta "Ainda assim, por mais sombrio que o tema possa ser, especialmente no que diz respeito ao nível ético da sociedade, o filme está repleto de luz, sabedoria prática, energia e invenção. As pessoas em diferentes esferas da vida podem ser engrenagens de uma grande máquina, mas ainda assim possuem um ritmo e um movimento próprios, de uma forma que se tornaria quase impossível de imaginar após o breve e privilegiado momento pré-Código, quando o filme foi realizado." Hoje estamos muito longe disso, tanto no cinema, como na vida, mas há que não perder a energia para contrariar a máquina. É essa energia que atravessa todo o filme e que faz de **Jimmy the Gent** um filme contagiante.

Joana Ascensão